

## ENLESBI – ESPAÇO DE AUTO-ORGANIZAÇÃO DE LÉSBICAS E MULHERES BISEXUAIS E EMPODERAMENTO SAPATÃO

Virgínia de Santana Cordolino Nunes; Zuleide Paiva da Silva; Améli Tereza Santa Rosa Maraux

*Liga Brasileira de Lésbicas, Pesquisadora do CEGRES-DIADORIM/UNEB,*  
[virginiascnunes@gmail.com](mailto:virginiascnunes@gmail.com); *Liga Brasileira de Lésbicas, CEGRES-DIADORIM/UNEB,*  
[eidepaivasilva@gmail.com](mailto:eidepaivasilva@gmail.com); *Liga Brasileira de Lésbicas, CEGRES-DIADORIM/UNEB,*  
[amelia.maraux@hotmail.com](mailto:amelia.maraux@hotmail.com)

### Resumo

O presente artigo emerge da análise do cenário político da Bahia e do Brasil frente a vulnerabilidade das mulheres lésbicas e bissexuais. A *lesbofobia*, nesse contexto, é naturalizada, invisibilizada, não denunciada, consentida pela cultura e pelo Estado brasileiro que não avança no processo de criminalização da lesbo-bi-trans-homofobia no país. Frente a essa vulnerabilidade, um grupo de lésbicas e mulheres bissexuais da Bahia – unidas pelo desejo de construir lesbianidades e feminismos críticos – teceram parceria com a academia e com o Estado para a construção do ENLESBI - Encontro de lésbicas e mulheres bissexuais da Bahia, que, em sua quinta edição, tornou-se um espaço de empoderamento sapatão e enfrentamento feminista através da reflexão coletiva sobre si mesmas e sobre os rumos do movimento de lésbicas e mulheres bissexuais da Bahia. Certas de que esse Encontro é o maior fórum de organização lésbica do Estado, nosso propósito é discutir seus princípios políticos e estratégias de organização, assim como refletir sobre o papel da universidade no processo de auto organização das lésbicas, aqui entendido como trilha de empoderamento feminino. Como sujeitas imbricadas na organização do ENLESBI, tomando a experiência subjetiva como ponto de partida da reflexão, ressaltamos que esta comunicação, situada no campo dos estudos lesbifeministas, não se pretende um discurso de verdade sobre o fenômeno em pauta, mas um ponto de vista situado, marcado pela subjetividade de quem acredita e corrobora com o processo de auto-organização das lésbicas desde o enlace entre a universidade e os movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Lésbicas, lesbofobia, Enlesbi, organização lésbica, experiência subjetiva.

### Introdução:

Visibilizar significa tornar algo ou alguém visível. Estar visível é ser percebido. Assim, o termo visibilidade é uma qualidade dos corpos que são percebidos pelo sentido da visão. Visível, o corpo político das lésbicas se constituiu, e desse modo, visibilizado no espaço público, local em que as coisas aparecem, tornouse parte da cidade. (COSTA, 2012, p. 202)

O atual cenário político da Bahia e do Brasil exige ação/reação nossa a cada dia. Dados produzidos pelos movimentos sociais e pelo governo apontam a situação de vulnerabilidade da comunidade LGBT. A *lesbofobia* é naturalizada, invisibilizada,

não denunciada, consentida pela cultura e pelo Estado brasileiro que não avança no processo de criminalização da homofobia no país.<sup>1</sup>

Às mulheres lésbicas recai a diferença hierarquizada do feminino (sempre em relação ao masculino como padrão hegemônico) e, soma-se a isso, a desigualdade relativa à homossexualidade. Duplamente desviantes, porque não homem e não heterossexual, as mulheres lésbicas sofrem, na maior parte do tempo, dupla discriminação, específicas desigualdades e muita invisibilidade no que se refere aos aspectos que definem sua identidade sexual e de gênero. (AUDI e LAHNI, 2013, p. 157)

Diante do cenário de vulnerabilidade em que nos encontramos, um grupo de lésbicas e mulheres bissexuais da Bahia unidas pelo desejo de construir lesbianidades e feminismos críticos, do tipo visceral, criativo, libertário e heterodissidentes, livres de violências de gênero buscaram parceria com a academia e com o Estado para a construção do ENLESBI - Encontro de lésbicas e mulheres Bissexuais da Bahia, que através do desejo coletivo e articulação política, está na sua quinta edição mantendo-se como um encontro feito para ousar, revolucionar, compartilhar, rir, brincar, criar, debater, promover, denunciar, sonhar, transformar.

Pero decir “soy gay” o “soy lesbiana” es declarar una pertenencia, y asumir una postura específica en relación a los códigos sexuales dominantes. Tales identidades son cultural e históricamente específicas, seleccionadas entre una multitud de posibles identidades sociales, no atribuibles a un impulso o deseo sexual; pero no son partes esenciales de nuestra personalidad. Cada vez somos más conscientes de que la sexualidad es tanto un producto de la naturaleza, como de la lengua y la cultura(...) De ahí que para las activistas asumir la identidad lésbica es un acto político que atenta las estructuras de una sociedad heterosexistas. (MOGROVEJO, 2006, p. 03)

O ENLESBI, nesse sentido, é um ato político para refletir coletivamente sobre si mesmas e sobre os rumos do movimento de lésbicas e mulheres bissexuais da Bahia. “Para nós chega de lesbofobia, queremos mais amor, queremos cantar, dançar, brindar a existência/resistência lésbica. Queremos união, conexão, vibração” (PROJETO Enlesbi, 2013, p.1)

A autonomia da sujeita lésbica está no cerne desses espaços de organização coletiva: esse que articulam suas ações com as intersecções que do corpo lésbico, sejam com questões raciais, de classe, etnia, religião e geração, com seus objetivos políticos voltados comumente a liberdade de poder

---

<sup>1</sup> De acordo com Zuleide Paiva da Silva (2017), “o contexto de apagamento da lesbianidade percebida como uma diferença está para além dos limites internos dos movimentos LGBT e feministas protagonizados por mulheres heterossexuais, pois é fruto do machismo e da lesbofobia que estrutura a sociedade.”(ibde.,2017, p.24)

transitar por qualquer espaço sem ser discriminada e sem sofrer nenhum tipo de violência, seja social ou mesmo física. (NUNES,2014, p. 4)

Certas de que esse Encontro é o maior fórum de organização lésbica do Estado, nosso propósito com o texto é discutir seus princípios políticos e estratégias de organização, assim como refletir sobre o papel da universidade no processo de auto organização das lésbicas, aqui entendido como trilha de empoderamento feminino.

### **Metodologia:**

Como sujeitas imbricadas na organização do ENLESBI, tomando a experiência subjetiva como ponto de partida da reflexão, ressaltamos que esta comunicação, situada no campo dos estudos lesbifeministas, não se pretende um discurso de verdade sobre o fenômeno em pauta, mas um ponto de vista situado, marcado pela subjetividade de quem acredita e corrobora com o processo de auto-organização das lésbicas desde o enlace entre a universidade e os movimentos sociais. Assim, isenta de qualquer possibilidade de neutralidade, ressaltamos que essa comunicação se apresenta com uma prosa livre, sem nenhuma pretensão de esgotar as possibilidades de reflexões que o tema aponta.

### **Resultados e Discussão:**

O Enlesbi é pensado e construído como uma política de visibilidade lésbica, ponto de resistência do feminismo heterodissidente. Nesses cinco anos de ato político, mais de 400 lésbicas e mulheres bissexuais já construíram o encontro, participando de suas rodas de conversas e atos públicos. Como política de visibilidade, o Enlesbi é realizado anualmente, no mês de agosto. Vale ressaltar que na agenda política dos movimentos de lésbicas e mulheres bissexuais do Brasil o mês de agosto não é de desgosto; é de ação, reação, reconhecimento e comemoração do Dia Nacional da Visibilidade Lésbica (29 de agosto), a principal agenda política do movimento. De norte a sul do país, ativistas realizam atividades políticas e culturais de resistência e ruptura da invisibilidade que nega a cidadania e os direitos das lésbicas e mulheres bissexuais no mês de agosto. A diversidade das ações desenvolvidas, rodas de conversa, seminários, exibição de filmes, atos públicos, audiências públicas, sessões especiais, festas, dentre tantas outras expressões da criatividade política das lésbicas, reitera a cada ano o agosto como mês do “Orgulho Lesbiana”

## O papel da Universidade

Como sujeitas imbricadas na construção do Enlesbi, temos atuado para que a universidade assumira um papel de protagonista ao lado dos movimentos sociais na construção de ações de visibilidade e de proposição de políticas públicas para as lésbicas e mulheres bissexuais em nosso estado. Tendo como base os argumentos de Boaventura Santos sobre o papel da universidade no século XXI, reconhecemos que o saber a ser produzido no seu interior só terá legitimidade na medida em que dialogar com outros saberes. Para tanto, temos investido na produção de pedagogias alternativas e entendemos o ENLESB como um produto resultante de epistemologias feministas.

## Considerações finais

Certas de que é preciso priorizar a escuta sensível, o diálogo reflexivo e a parceria com os movimentos sociais, concluímos reiterando o compromisso do Diadorim/UNEB com a realização dos ENLESBIs como uma estratégia que potencializa suas ações de ensino, pesquisa e extensão de forma coletiva, participativa e colaborativa, contribuindo assim com a construção de pedagogias alternativas que fomentam a inclusão das temáticas de gênero e sexualidade nos currículos da UNEB, que tem se apresentado no cenário baiano e nacional como universidade socialmente referenciada.

## Referências.

AUAD, DANIELA; LAHNI, Cláudia Regina. “Cidadania democrática e homossexualidade: Comunicação no combate à violência contra as mulheres lésbicas”. *Emblemas - Revista do Departamento de História e Ciências Sociais – UFG/CAC, Goiânia*, p. 147-166, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article/viewFile/29240/16264> Acessado em 15 de abril de 2017.

COSTA, Zora Yonara Torres. “Resistência, identidade e visibilidade: o corpo político das lésbicas”. *Pólemos*, v. 1, n. 1, p. 201-214, 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/polemos/article/view/5618/5544>. Acessado em 15 de abril de 2017.

MAGROVEJO, Norma: “¿Literatura lésbica o lesboerotismo?”, Entrevista por María Elena. Disponível em: <http://www.uacm.edu.mx/uacm/Portals/3/4%20Documentos/III>

%20ENCUENTRO%20DE%20ESCRITOR@S%20SOBRE%20DISIDENCIA  
%20SEXUAL%20E%20IDENTIDADES%20SEXUALES%20Y%20GEN  
%C3%89RICAS/Identidades%20sexuales%20y%20lesbianismo/norma-mogrovejo.pdf.  
Acessado em 15 de abril de 2017.

NUNES, Virgínia de Santana C. EDUCAÇÃO NÃO COMBINA COM VIOLÊNCIA:  
Uma breve reflexão sobre violência lesbofóbica no contexto universitário. Disponível  
em: <http://nigs.ufsc.br/files/2015/03/ST10virginianunes.pdf> Acessado em 01 de agosto  
de 2017.

SILVA, Zuleide Paiva. LBL-Liga Brasileira de Lésbicas: organização e luta  
política. Revista Periódicus, v. 1, n. 7, p. 20-53, 2017. Disponível em:  
<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21650/14303>  
Acessado em 02 de agosto de 2017.